

Apresentação de Maria no Templo.

Ha uma festa, no calendario christão, de humilde culto e poucas apparencias, por quanto não decorre sua solemnidade entre as pompas externas que chamam ao recinto dos templos o concurso das multidões. Porém, as almas delicadas em que vibram com exactidão todos os rhythmos das bellas e nobres acções, embora abafadas ante a nossa phantasia dela singeleza de seu desdobramento e arredadas do ambito de nossa sensibilidade pelo enorme transcurso de longas centurias, sentem por essa festividade mariana os encantos da poesia dos suaves idyllios e as doçuras e os enlevos da mais terna devoção.

Acompanhada de seus venerandos pais, Maria Virgem, aos trez annos de idade, já rescendendo os aromas de toda virtude e attrahindo os corações com a ingenuidade da innocencia que no olhar de pomba patenteava os encantos da sua pureza virginal, se apresenta no sagrado templo, anciosa de offerecer a Deus, como em perfeito holocausto, a branca açucena de sua virgindade, a rosa fragrante do amor e a violeta de sua humildade e baixeza, curvandose

ante a majestade do Senhor e adorando a grandeza de seu divino Amado.

Eis a Eva do novo testamento, prostrada ante a soberania do Altissimo, fechando sua bocca com o silencio da profunda adoração, crêndo firmemente sem abalos nem duvidas toda a palavra de Deus, conformando todos seus desejos e vontades com a lei divina, dando todo o coração a seu Creador; e não achando em si nem em outra qualquer criatura attractivos sufficientes para ser amada fóra de Deus, nem altas dignidades ou senhorios independentes para merecer a dedicação de seu serviço, o Coração de Maria lateja em todos seus anhelos pelo amor da divina Belleza e todo seu corpo sómente se move e sua intelligencia sómente raciocina, medita e pensa para servir ao Pai celestial, ao Senhor do céu e da terra. Maria com o amor puro, sublime, intenso á Divindade, com a dedicação completa de seu ser e poder ao serviço de Deus, com a perseverança inabalavel nos seus propositos de vida santa e consagrada ao culto perfeito do Senhor, representa nos planos de

Deus, cooperando com Jesus, a restauração do mundo, abalado e ruído até seus alicerces com o peccado de Eva.

Quanto amor em Maria! que oblação omnimoda de todo seu ser nas aras incruentas do seu coração! Entra no templo sagrado, enclausura-se no recesso das virgens onde vai permanecer longos annos, segregada do mundo, entregando seu espirito aos enlevos da sublime contemplação. Ahí poderá, com effeito, servir e amar a Deus no silencio e na quietude da casa de oração. Sem divertir sua attenção para as criaturas, amará Deus com todo seu entendimento, com todas suas forças. Mas porque a virtude ainda nos logares mais reconditos e apartados sempre fulgura com os resplendores do bom exemplo, a santidade de Maria, salientando-se por seu heroismo e constancia entre as outras donzellas, servirá de modelo ás felizes cumpanheiras que vão tratar e conversar por tantos annos com a Virgem escolhida e predilecta do Altissimo.

Resplandecendo Maria por sua mais illibada pureza e pelo mais extremoso devotamento naquelle jardim de candidas açucenas e de flores virginaes, como o lirio entre os espinhos e como a rosa aberta e orvalhada na immensidade do deserto, a todas edificava com sua modestia, a todas guiava com a discricção de seu espirito, exhortava com o calor de sua devoção e animava com o fervor das orações que de seus labios subiam ao céu como pivetes deliciosos de essencias aromaticas.

Quão extaticas e enlevadas ouviriam as angelicas donzellas dos labios de Maria aquelles canticos de David em que o grande rei manifesta os seus fervidos suspiros por estar na casa de Deus e nella permanecer para sempre!

“Quão amaveis são os teus tabernaculos, Senhor dos exercitos!” exclamaria gozosa, indo para o templo a filha de David!—A minha alma suspi-

ra e desfallece pelos atrios do Senhor. O meu coração e a minha carne se regozijaram em Deus vivo.

“Para mim”, os teus altares, Senhor dos exercitos, Rei meu e Deus meu! Bemaventurados os que moram em tua casa: pelos seculos dos seculos te louvarão.

... Melhor é um dia nos teus atrios sobre milhares. Escolhi estar abatido na casa de meu Deus, antes de morar nas tendas dos peccadores. (Ps. LXXXIII)

Uma só graça sem cessar supplico
Que eu ainda habite do Senhor a casa,
Em quanto a vida me cercar os olhos
De amavel lume.

Possa, inda um dia, embriagar minha alma
De seus deleites, e inefavel gozo
No templo santo que o Senhor prepara
Aos seus amados.

(Ps. XXIV, trad. de Souza Caldas)

LUIZ SALAMERO, C. M. F.

Synthetico!...

O Sr. Nilo Peçanha foi procurado por varios deputados, que queriam conhecer os pensamentos do governo e as razões da sua decisão, prohibindo o desembarque dos jesuitas estrangeiros.

O presidente da Republica declarou que se inspirára em motivos de ordem publica e que a sua decisão é irrevocavel.

Inutil tanta demagogia, gymnastica de pensamento, esforços de hermeneutica em torno a um caso tão simples e tão claro... Achamos consequentes as palavras do presidente, que traduzem logica e franqueza. Seria um paradoxo suppôr que elle desse o «porque» de tamanha illegalidade, de iniquidade tão deshumana que nos quer reduzir ao nivel francez ou portuguez...

Distanciados do presidente, podemos, entretanto, graphar, fielmente, quanto se passou n'essa entrevista pelo que o espirito d'esta phrase nos revela: *Inspirou-se em motivos de ordem publica e sua resolução é irrevocavel.*

Pois vocês, terá dito elle, que ha tanto vivem satisfeitos com a politica que sonharam, veem agora, fingindo de ingenuos, per-

guntar-me por que não me *inspiro* na Constituição?

Pretendo, como sabem, ir a Portugal, e ardo de impaciencia no sentido de mostrar ao governo provisorio de lá que commungo nas suas ideias de fraternidade e liberdade, emfim, que sanciono e adopto o moderno processo de respeito ao direito e não endosso essas utopias com que só se podem encher tratados de direito publico e constitucional. Os meus amigos de alem-mar não se devem avantajarem a mim em noções de humanidade, quando a divisa que plagiei de um conhecido escriptor foi — Paz e Amor!

Os absurdos não são o apanagio do executivo. Ahi está o legislativo que só se *inspira* em ser a representação directa.. das oligarchias; e, enquanto subsidio houver, elle só tratará dos altos interesses dos parentes presentes e por vir. O exemplo de fechar portos tambem aprendi de vocês, que os conservam assim ao livre commercio para auferirem os feios lucros do proteccionismo.

Poderia eu ainda denunciar o judiciario que se *inspira* exclusivamente em extinguir a lei, a justiça, a equidade, o direito; devo poupá-lo, porém, porque esse coitado foi

atirado ao chão por nossa culpa. Um escravo não póde servir a dois senhores ao mesmo tempo, e o resultado da escravidão é o abastardamento das consciencias..

Lembram-se vocês do povo? Em vida trazia esse miseravel um indefectivel sorriso alvar que tão bem lhe caracterisava a imbecilidade. Com a barriga prégada ás costas, elle nunca nos regateou os seus applausos (sic), tão convencido estava de que lhe tínhamos dado uma democracia. Si elle conhecesse a sentença de Voltaire na qual nos *inspiramos*, «uma democracia pura é a prepotencia da canalha», não teria essa vã esperanza de querer sentir o *cheiro* de uma democracia numa totalidade de 70 0j0 de analphabetos! Como elle fosse um cordeiro, sua indole, ao ver que não conseguiria a democracia pela instrucção, não se decidiu pela revolução

Querem vocês saber, finalmente, a proposito do que vem tudo isto? E' que hoje acima de minha vontade só poderia haver uma outra, um quarto poder — a soberania popular! O povo, porém, morreu.. Paz á sua memoria!

J. BENTLEY.

8, Novembro, 1910.

⇒ IN MEMORIAM. ⇒

Solemne protesto do clero da São Paulo contra a prohibição do desembarque dos religiosos portuguezes nos portos do Brasil.

No dia 7, num dos consistorios da Sé, sob a presidencia do Sr. Arcebispo Metropolitano, depois de uma behememente e sentidissima allocução de sua excia. revma. realisou-se uma reunião do Clero secular e regular desta capital.

Entre outras deliberações, foi accordado por unanimidade de votos, que se lavrarse o protesto que abaixo transcrevemos.

1. O clero da Archidiocese de São Paulo, em união de vistas com o seu venerando Metropolitano, protesta inteira obediencia e veneração ás auctoridades constituídas do paiz, das quaes espera escrupuloso respeito ao espirito e á letra da Constituição brasileira, máu grado o sectarismo anti-patriotico que

procura perturbar as alturas serenas onde devem pairar os supremos magistrados da nação.

2. Dolorosamente surprehendidos com as medidas da odiosa excepção, que o vêm ferir profundamente nas suas crenças, direitos e liberdades, protesta perante os poderes publicos contra a prohibição de desembarque de religiosos estrangeiros, aos quaes a nação e a Igreja brasileira se reconhecem devedores de ingentes e leaes esforços pelo seu desenvolvimento espirital e material.

3. Como brasileiros e leaes servidores da patria, os membros do clero protestam contra a incontinnencia de linguagem, aggressão e desrespeito de cer-

ta imprensa estrangeira ás auctoridades civis e religiosas do paiz que, por excesso de generosidade, a tolera e supporta.

4. Eguualmente protesta o clero contra os desmandos, calumnias e arruaças de uma insignificante minoria de estrangeiros ingratos, elementos perigosos da anarchia e perturbadores da ordem publica que, abusando da cordura e generosidade do povo e do governo brasileiro, intenta provocar em um paiz livre e civilisado, todos os horrores da lucta religiosa.

5. Inteiramente solidarios com a benemerita direcção do Orphanato Christovam Colombo, instituição de caridade, aliás mantida quasi exclusivamente pela generosidade do povo paulista, em beneficio dos pobres orphans dos italianos, que fizemos sentar ao nosso lar, na mesma communhão de direitos, alegrias e soffrimentos,—o clero paulista manifesta a sua profunda sympathia ao venerando Padre Faustino Consoni, como primeira e gloriosa victima do odio sectario dos seus proprios patricios ingratos e blasphemadores.

6. Fazendo votos para que fique inteiramente esclarecido o que diz respeito aos graves acontecimentos que se relacionam com o Orphanato Christovam Colombo, hypotheca todo o seu apoio e prestigio para que sejam devidamente punidos os calumniadores daquella instituição e de seus benemeritos directores.

7. A' vista da attitude desleal de certa parte da imprensa paulista, e nomeadamente da impia, antipatriotica e perturbadora imprensa italiana de São Paulo, da qual parece haver desaparecido, por completo, o amor da verdade, o sentimento da justiça e a noção do respeito, o clero de São Paulo resolve envidar todos os meios dignos e licitos para a defeza de seus direitos conculcados e da sua gloriosa batina enxovalhada, guardando intemerato o sa-

grado deposito das nossas crenças e tradições religiosas, profligando o desrespeito ás nossas leis, ás nossas auctoridades civis e ecclesiasticas, ao crédito e á dignidade da nação brasileira.

São Paulo, 7 de Novembro de 1910.

Tremenda lição de um paiz protestante ao governo de um paiz catholico.

Grande documeto para a historia

O sr. D. Miguel Kruse, abbade do mosterio de São Bento desta capital, tambem dirigiu ao sr. senador Fernando Mendes de Almeida, no Rio de Janeiro, o telegramma seguinte:

«Ante-hontem telegraphiei para Washington, pedindo ao presidente Taft e ao cardeal Gibbons que assegurasem agasalho aos pobres religiosos portuguezes, aqui impedidos de desembarcar. Acabo de receber o seguinte telegramma, em resposta: «Send them, advise date departure». (Mande-os e avise a data da partida); por isso rogo v. excia. se interesse junto de nosso governo, afim de que os infelizes perseguidos possam gosar de nossa hospedagem até o proximo vapor para Nova-York.—Miguel Kruse, abbade».

A Confederação das Associações Catholicas desta diocese, por meio de sua mesa directora lavrou tambem um protesto expresivo que nós publicamos no supplemento do domingo p. p. a par do protesto do clero, e verberando mercedamente as infamias do *Diario Popular* que ferira a sociedade brasileira no que tem de mais caro: a moralidade de seus filhos salvaguada na religião catholica cujos ministros são os re-perseguidos.

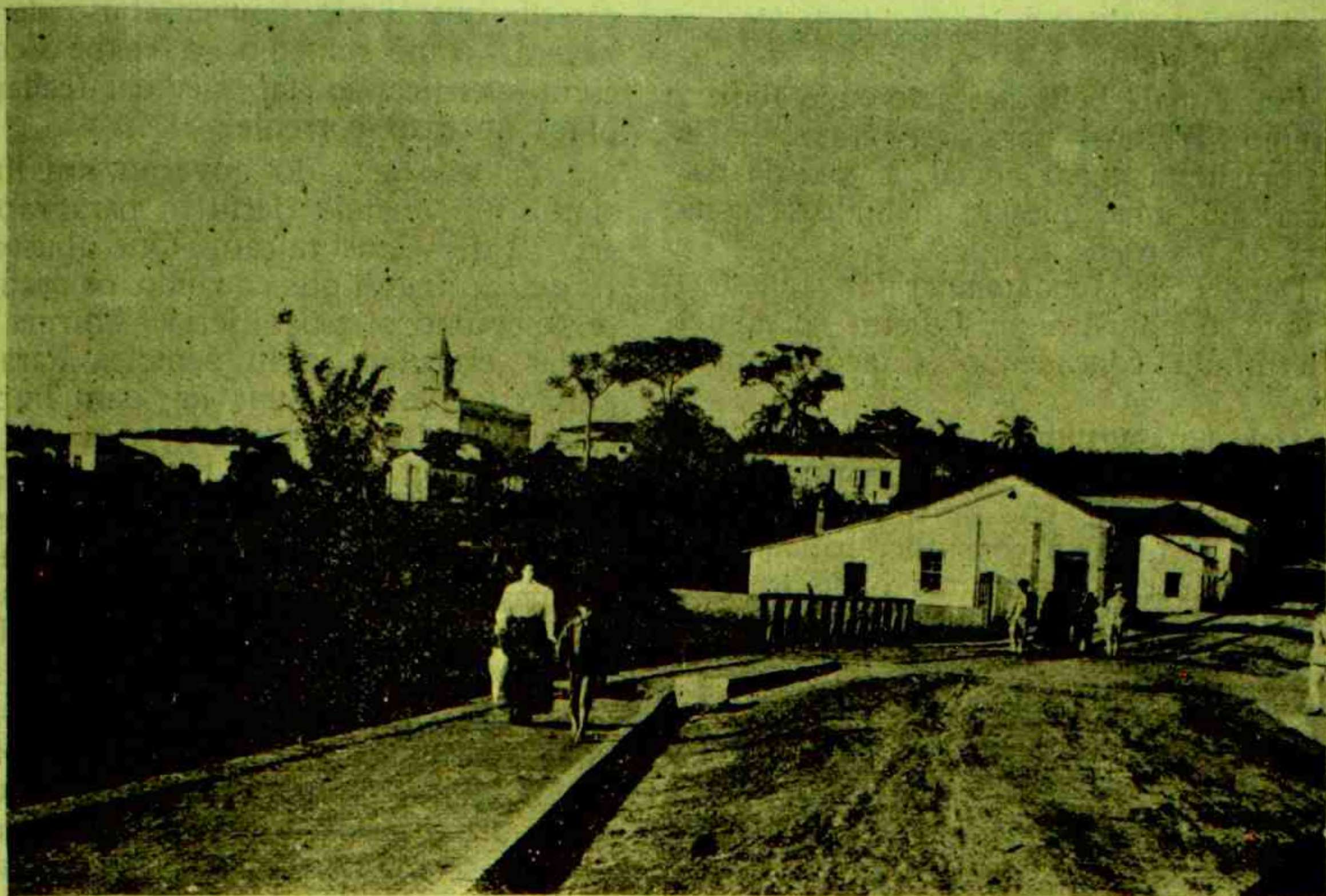
Caminho reeto e seguro para chegar ao céo

Precioso e completo devocionario de 575 paginas escripto pelo veneravel arcebispo

Antonio M. Claret

Elegantemente encadernado — Preço 2\$000

Pedidos nesta administração Caixa 165 S. Paulo, e em todas as livrarias catholicas.



Cidade de Matosinhos.

Supremo Tribunal Federal

O «HABEAS-CORPUS» A FAVOR DOS FRADES.
CONCESSÃO DA ORDEM

Quando se iniciavam os trabalhos da sessão do Supremo Tribunal Federal, o ministro sr. Cardoso de Castro perguntou se não havia um pedido de «habeas corpus» impetrado a favor dos sacerdotes portugueses que foram impedidos de desembarcar no territorio da Republica.

O ministro sr. Espirito Santo, que presidia a sessão, declarou não haver nenhum «habeas corpus» nesse sentido em mãos de membros do tribunal.

La entretanto, mandar verificar se havia alguma petição na secretaria.

Momentos depois o sr. Espirito Santo communicava que existia na secretaria do supremo Tribunal uma petição de «habeas corpus» impetrada pelo deputado Valois de Castro, a favor dos sacerdotes portugueses que foram impedidos de desembarcar no Rio pelo governo da Republica.

Em seguida, s. exa. distribuiu o feito ao ministro sr. Ribeiro de Almeida que o relatou immediatamente

Antes de começar o julgamento do pedido de «habeas corpus», foi a tribuna dos advogados occupada pelo sr. Pedro Moacyr, que prestou esclarecimentos ao tribunal procurando demonstrar a inconstitucionalidade

do acto do governo da Republica, prohibindo o desembarque de estrangeiros no Brazil.

O sr. Moacyr estudou a questão sob varios aspectos, desenvolvendo os argumentos que já espendera na tribuna da Camara. A seu ver, a resolução do governo, impedindo o desembarque de sacerdotes portugueses, era um acto provocador de uma questão religiosa no Brazil, era um acto de selvageria, de abuso do poder, de coacção e de barbaridade. A opinião publica ainda não teve uma explicação seria do motivo que levara o governo a praticar essa medida despotica e arbitraria.

A consciencia do presidente da Republica nesto melindrosa questão está vacillante. E' pelo menos essa a deducção que se tira das explicações dadas por s. exa. á Nação.

Retirava se da tribuna, convicto de haver esclarecido o Supremo Tribunal, de que o acto do governo era attentatorio ao artigo 72 paragrapho primeiro e decimo da Constituição, que esse acto offendia a propria lei da expulsão dos estrangeiros, invocada pelo governo no seu artigo, primeiro e que são dispensaveis as informações do governo, por ter sido elle o primeiro a dal-as ao paiz inteiro, e, por conseguinte, ao Supremo Tribunal. O Supremo Tribunal, na sua augusta missão de guarda zeloso da Constituição das leis, deve conceder a medida impetrada, abatendo assim esse acto

despotico, insensato, e imprevidente do governo da Republica.

Era a mais bella occasião que tinha o Supremo Tribunal para assegurar á Sociedade brasileira a paz social, a paz da consciencia, em uma questão melindrosa como é esta da liberdade religiosa.

Depois de fundamentar longamente o seu voto, o ministro sr. Ribeiro de Almeida terminou concedendo a medida impetrada.

Teve em seguida a palavra o procurador geral da Republica, sr. Guimarães Natal, que procurou, em desenvolvida argumentação, justificar a constitucionalidade dos actos do governo, estudando o discurso do sr. Moacyr. Este disse que a interpretação que estava sendo dada ás suas palavras não era exacta. Neste ponto o sr. Pindahyba de Mattos gritou que o advogado não podia falar e que, caso insistisse, faria cumprir o regimento, obrigando-o a retirar-se da sala. O sr. Moacyr replicou, dizendo que experimentassem. O ministro sr. Godofredo Cunha gritou que se o presidente quizesse, o sr. Moacyr seria posto fóra da sala. O sr. Moacyr replicou que experimentassem e que elle aguardava essa ordem a que nunca se submeteria.

O sr. procurador geral da Republica julga que devem ser pedidas informações ao governo.

O sr. Oliveira Ribeiro começa estudando as constituições do Brasil e da França no tocante ás declarações do direito; depois estuda longamente o acto do governo que julga arbitrario e inconstitucional. Critica a opinião do procurador geral da Republica sobre o pedido de informações, quando os factos são claros que o artigo 72 da Constituição garante todos os direitos, porque ella não distingue nacionaes de estrangeiros. Quem quer que seja que venha ao Brasil, não será obrigado a fazer ou deixar de fazer qualquer coisa senão em virtude de lei. O sr. presidente da Republica fez o seu acto sem lei. A surpresa é geral. A lei de 1907, que regula a expulsão dos estrangeiros, impede a entrada dos mesmos em casos determinados, porém, em nenhum delles se acham incluídos os pacientes em questão. O Supremo Tribunal é garantidor da Constituição; disto precisa que todos se convençam.

Critica o sr. Nilo, affirmando que prohiba a entrada dos frades por principios de ordem internacial, julgando-se censor de si mesmo; mas então esse presidente é arbitro e juiz de si mesmo? Se a Constitui-

ção diz que onde houver abuso de poder, haverá, como remedio, o «habeas-corpus», como verificar-se tal medida, fechando os olhos no caso corrente?

Onde o acto do governo foi infelicissimo, foi quando feriu o paragrapho 23 art. 72 da Constituição. Que abusos ha a recear de frades que, quando os praticarem, serão punidos pelas leis? Affirma que o poder esecutivo agiu sem lei. Para a expulsão foi votada uma lei; para impedir a entrada de frades não se precisa de lei.

O sr. presidente da Republica julga-se acima da soberania, encarnando os dois poderes, legislativo e executivo. Cita em apoio de suas asserções julgados do tribunal, firmados pelos juriconsultos José Hygino, Barradas e Macedo Soares.

O Brasil não poderá negar abrigo aos frades portuguezes, encarados como foragidos politicos, porque a marinha portugueza abrigou em vaso de guerra seu os revoltosos de setembro, entre os quaes estava o almirante Saldanha da Gama.

Termina lembrando que apesar de termos complicado a Constituição Americana, o presidente da Republica retrograda, fechando os olhos ao gesto liberal do presidente Taft, quando este telegraphou a um bispo do Brasil, dizendo «venham os frades, avise a partida».

Conclue dizendo que o seu voto é concedendo á ordem impetrada.

Os motivos da prohibição, a menos que não haja quem me aclare melhor, ou foram o facto de pertencerem os pacientes a uma congregação religiosa, expulsa de Portugal, ou serem individuos contrarios ao novo governo, implantado em Portugal

No primeiro caso não procede a medida do governo, por ser contraria á constituição e á lei; no segundo, por se tratar de crimes politicos

Assim vota pela concessão do «habeas-corpus».

O sr. André Cavalcante concede-a por se tratar de uma violencia.

O habeas corpus foi finalmente concedido pelos votos dos srs. Ribeiro de Almeida, Amaro Cavalcanti, Oliveira Ribeiro, Canuto Saraiva, André Cavalcanti, Cardoso de Castro, Manuel Spinola e Pedro Lessa.

Votaram contra a concessão, os srs. Godofredo da Cunha e Herminio do Espirito Santo.

A tribunal esteve sempre cheio, assistindo aos debates o impetrante sr. Valois de Castro.

Deshonrar os frades.

Deshonrar as Congregações religiosas foi a norma de conducta seguida por todas as *seitas*, continuadoras dos Phariseus, e por muitos catholicos envenenados com o virus do espirito da heresia.

Assaltam-se os conventos, são saqueados e cae sobre elles a teia do incendio: assassinam-se os seus moradores ou são impiedosamente enxotados de suas moradas, e depois se remata a obra do assassinato ou de violento esbulho com a injuria soez e a calumnia hedionda.

Diz se umas vezes que os frades assassinados envenenaram as aguas, outras se assegura que nos edificios desoccupados ou destruidos se acharam sendas mysteriosas, subterraneas e communições com outros edificios, contando a coisa com tal arte que o povinho enleado com os palavrões dos demagogos, acredita quanta barbaridade lhes dizem. Conta-se tambem com lamurias hypocritas que os religiosos na defeza lançaram bombas, e se chega a commetter a mais enorme velhacaria, conspurcando o nome de senhoras dignissimas pelo grande peccado de sairem do mundo corruptor e se terem consagrado a Deus.

E tantas ignobeis accusações que mais deshonram o vil calumniador do que suas innocentes victimas, sem prova nenhuma e mesmo após uma centena de rectificações, se communicam a todo o orbe pelas Agencias telegraphicas ao serviço dos judeus, descendentes legitimos da seita pharisaica, imprimem-se nos jornaes e são vozeados nas ruas pelos garotos da imprensa sem que fechem os ouvidos as pessoas que se dão por honestas. Si a arma da calumnia é tão infame, que será a sua exploração, convertendo em dinheiro e em riqueza o nome deshonrado das pessoas innocentes?

Ora, é isto que se faz entre nós: é o que fazem as emprezas industriaes dos jornaes diarios e certas folhas illustradas de nossas capitaes.

E ha villãos que compram, assignam ou favorecem de qualquer modo esses jornaes por puro gosto e não acham outro melhor passatempo, do que a sua leitura!

De nada serve que diversas folhas insuspeitas como a *Correspondencia de España* e muitos outros jornaes da França, da Alemanha e da Inglaterra tenham desmentido por seus correspondentes as torpes calumnias.

O que lhes importa, é crear na Hespanha, no Brasil, na America uma atmosphera contraria aos religiosos, especialmente aos jesuitas, porque estes eram os que melhor desmascaravam a impostura dos maçons, dos socialistas, e de todos os revolucionarios.

Mentir sabendo, fabricar os factos, não é de certo um negocio repugnantissimo?

Mas quem vai pedir vergonha a esses casacões da imprensa *vendida*, dos clubs clandestinos, das lojas maçonicas e das synagogas de Satanaz?

O *El Correo de Andalucia* desafiou a *El Liberal* para que prove suas hediondas accusações contra os religiosos de Portugal, ganhando 5.000 pesetas (3:000\$000) si provar suas afirmações. As cinco mil pesetas estão depositadas num Banco de Sevilha.

Com que já o sabem os leitores bobissimos e ultra-estupidos de nossos jornaes *não catholicos* que acreditam de boa mente tudo quanto vai em letra redonda. E pensar que esse numero é infinito...

Os nossos caros leitores convidem os lhes a ganhar aquelle dinheiro, que bom proveito lhes faria.

Terão gastado muitos cobres no *bicho* e na loteria, sem ganhar um patacão: agora, pois, aproveitem a occasião: é só provar as accusações da imprensa venal, e farão um bom negocio.

Para que se veja como correm desastradamente taes infamias, ponhamos um exemplo:

Um official do exercito portuguez entregou ao ministro plenipotenciario da França, em Lisboa, uma carta do ministro da Justiça, (o tal Affonso Costa que devia estar em grilhêtas), participando-lhe que um aldeão preso manifestara que na egreja de S. Luiz, propriedade dos francezes, havia um deposito de polvora.

Mr. Saint René Taillandier respondeu verbalmente que tal noticia era um rumor phantastico, accrescentando que immediatamente iria ao mencionado templo para mostrar ante as ventas cabelludas do ministro das Relações Exteriores, (e de todos os republicanos da Lusitania) a falsidade da accusação.

Logo que perceberam os ministrecos da Republica que o digno embaixador não acreditara na calumnia maçonica, mas que queria verificar por si mesmo os factos de-

nunciados, começaram de tremer o Braguinha, o Costinha e o Calcinhas, o tal das Relações, e se apressaram a desmentir a calúnia levantada contra os capellães da igreja, disfarçando com certa diplomacia o seu triste procedimento, porque pediram ao sr. Taillandier que não se incomodasse, porque souberam que a polvora não estava na igreja de S. Luiz, mas sim na casa vizinha e que era destinada a trabalhos de construcção.

Mas quando acabará essa vilíssima exploração do escandalo, do crime e da calúnia?

Só quando o povo tenha altivez sufficiente para devolver os jornaes e esfregar os na cara desses jornalistas judeus espertos e vilões que de uma cajadada matam dous coelhos: infamar a classe respeitavel do clero e das congregações religiosas e lucrar com a venda extraordinaria do jornal.

ERASTO

Serei eu um animal bruto?

(CONTINUAÇÃO).

—Muito bem explicado.

Porém diga-me uma cousa:

Qual o orgão, ou o membro com que se pensa? porque eu vejo, com os olhos, ando, com os pés, apalpo, com as mãos, trinco com os dentes, cheiro com o olfacto.

Haverá no corpo humano um orgão especial para pensar?

Em tal caso, atenção! que este tal orgão deve ser muito subtil e de largos alcances, que em muito menos de um minuto, por meio do pensamento, percorre todo o globo, traspassa os céos, atravessa os mares, decifra os mais complicados problemas, concebe poemas, como a Iliada ou os Luziadas, projecta monumentos como o S. Pedro, de Roma, ou o Escorial, na Hespanha, imagina quadros, como os de Murillo ou os de Fortuny.

Deve ser cousa muito papafina, muito rara, muito especial! o que será? o que não será? Os materialistas, com um serró-tinho, abrem o craneo de um cadaver e examinando as cavidades interiores, á direita e á esquerda, encontram uma materia grossa e polposa, arredondada em fórma de bóla ou requeijão. d'onde partem nervos, como d'uma batata partem raizes.

Elles tomam o microscopio, com toda a gravidade, e exclamam muito inchados:

«Eis aqui os orgãos do pensamento, eis aqui o membro com que pensa o homem».

«Assim como as glandulas salivares segregam saliva, o figado segrega a bilis, os rins segregam a urina, assim o cerebro segrega pensamentos».

Esta é a ultima palavra da sciencia!! oh! pasmo! da sciencia materialista e aleijada sobre a Religião!

Terás encontrado, ó leitor, algum d'esses typos?

Pois apresenta á elle o seguinte argumento para vêr se é capaz de te responder.

—Todo effeito deve ter sua causa em proporção; ora, que proporção póde haver entre a operação *pensar* e um pedaço de materia grosseira, fôfa e esponjosa que se quer assignalar como origem do pensamento?

Compreende-se que os sentidos corporaes sejam materiaes, porque o objecto d'elles é material, e portanto em proporções.

Assim é material a luz que fere minha retina, o som que affecta meus ouvidos, o aroma que impressiona meus narizes, e portanto material é o vêr, ouvir, cheirar, palpar, e todos os act's organicos, porque tem por objecto cousas materiaes.

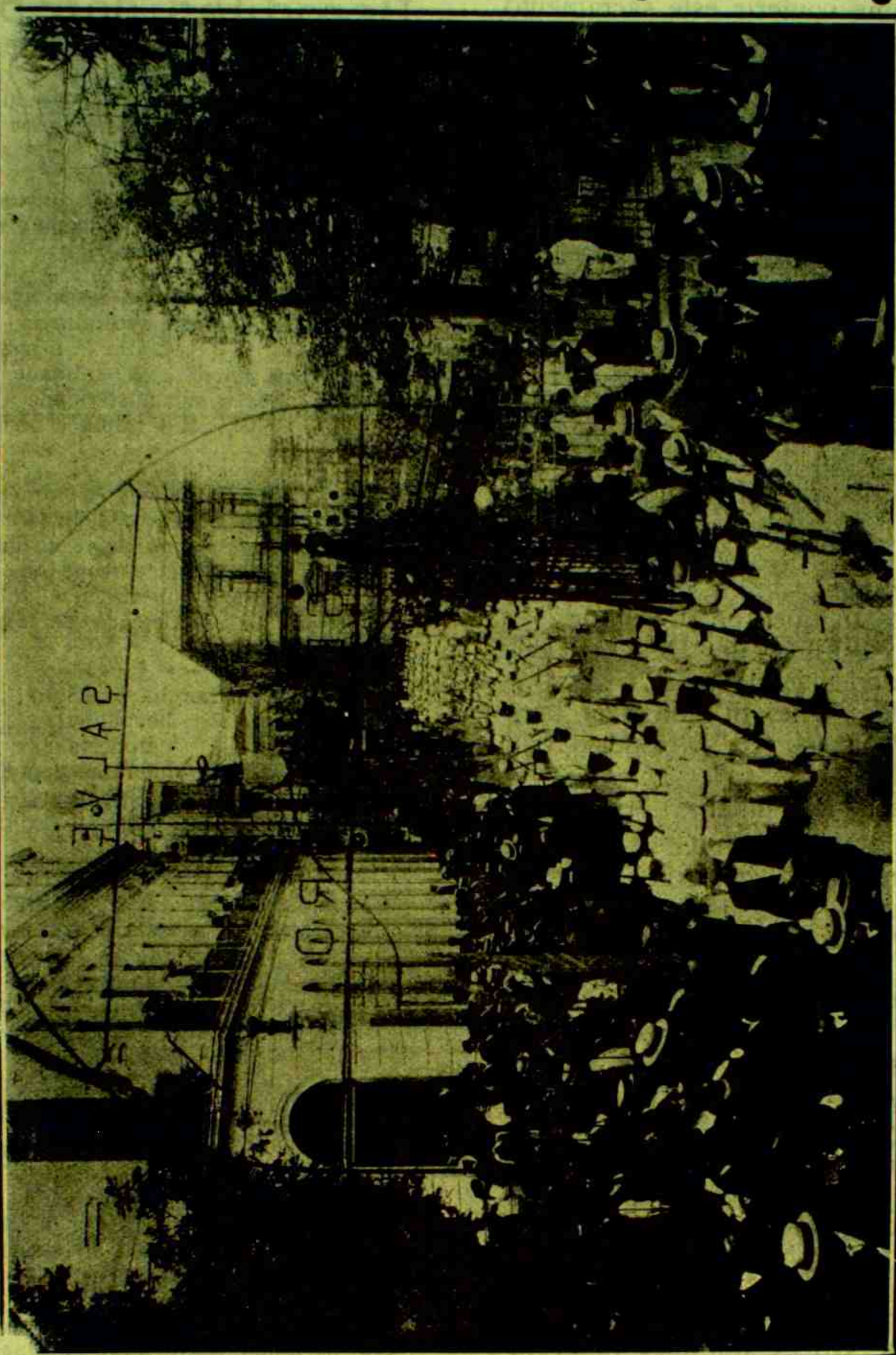
Mas, por Deus, responde-me: o delicado enlace de duas proposições, com uma terceira, que se chama consequencia, o subtilissimo tecido de um theorema de mathematica, as verdades da ordem moral, as noções do direito e do dever, da auctoridade e da justiça etc. as abstrações da metaphysica, os segredos do caclulo (infinitesimal) tudo o que constitue a vida superior do homem, serão cousas que se vêem, se mastigam, se tocam, ou que se percebem, mesmo com o auxilio do microscopio? serão materiaes?

Se o são, mostra-me, a que ordem de materia pertencem, se são solidas, liquidas, ou gazozas; se são de natureza fluida, como a electricidade ou o calórico, ou densas como o chumbo, ou duras como o granito

Se não são materiaes, segue-se que o sêr que os comprehende, as analysa, as domina, é um ser superior á ellas, logo é mais que a materia, é o que a sa philosophia, o instincto universal do genero humano, e a Religião, chamam:—*a alma espiritual*.

Logo não é o cerebro, por maior que elle seja, a origem do pensamento.

Grande cerebro tem o boi e a baleia e não resolvem problemas, nem dictam discursos, nem compõem versos, apesar da volumosa massa cerebral.



Festas Escolares em São Paulo. — Os alumnos salesianos em visita ao Palacio do Governo no dia 15.

Embora não seja ainda um negocio bem decidido, concedemos que o cerebro seja a séde e o throno das operações da alma.

Porém, has de confessar, meu caro leitor, que uma cousa é a cadeira, por mais ornada que seja, e outra cousa é o legislador, que sentado n'essa cadeira, dicta as leis.

Vê agora o que fazem os taes materialistas. Abrem com o serróte o craneo deserto e já desoccupado de seu inquillino principal, encontram certa materia do cerebro e exclamam, como sahindo d'um atoleiro: Eis aqui o dono da casa!

Mas o verdadeiro dono, já sahiu e deoccupou a casa, por muito tempo. F. S.

Coração limpo

«Um coronel do exercito, excellente christão, e sua mulher, que santa mulher! apresentavam-me seu filho, um cherubim de sete annos, para que o matriculasse entre os meus discipulos. (E' o director de um collegio de Hespanha quem fala). Inscrevi-o assim:

«Don Luiz Ramón Mendoza y Carmo-
na, nascido el 28 de Maio de 1885».

Pergunto:

— É a certidão de Chrisma? (Na Hes-

panha é costume conferir este sacramento nos primeiros annos.)

— Foi chrisnado nos meus braços,— respondeu a Coronela,— aos 15 de Maio de 1887.

— Bem, mas já cursou o catechismo dous ou tres annos para fazer a primeira communhão?

— Perdão, sr. Director, disse o Coronel; creio que já fez a primeira communhão. Não é verdade, Cacilda? — acrescentou, virando-se para sua esposa.

— Sim, acudio ella; fez a primeira communhão no dia da Virgem de Agosto, (festa da Assumpção).

— Sim, no dia da Virgem de Agosto recebi o Corpo do Senhor,—disse por sua vez o menino.

Então perguntei:

— Mas sabes tú quem é o Senhor?

— E' Jesus, Filho de Deus e Deus vivo,— me respondeu com viveza.

— Sim, mas sabes tu que fazer para bem recebê-lo? — insisti eu. A resposta não se fez esperar:

— Reverencial-o e amal-o.

E d. Cacilda acrescentou:

— Aqui nas provincias do Norte os srs. fazem como na França: dão a primeira communhão tarde e com muita solemnidade: nós viemos de Castella a Nova, e fazemol-o como sempre se faz; damos a communhão, sendo ainda pequenas as crianças: nossos vigarios dizem: *Que Jesus Christo entre em suas almas antes que o peccado.*

Referindo o *La Croix* este sympathico episodio, diz que é melhor não lhe fazer commentarios. Elle por si falla muito alto em favor do decreto do Santo Padre Pio X sobre a primeira communhão dos meninos. Pio X pretende offerecer a Jesus Christo na communhão as rosas puras e immaculadas que são as alminhas innocentes e carinhosas dos pequeninos.

Fazendo-se em Tours a traslação dos ossos de São Martinho, succedeu a muitos doentes, dos que estavam diseminados ao longo do caminho, sarem improvisamente.

Como isso chegasse aos ouvidos de um cego e um coxo, que lhe servia de guia, foram tomados de susto e voz em grita:

— Fugamos, fugamos, não nos aconteça o Santo lembrar-se de nós tambem.

E não fôra para elles uma cura, embora prodigiosa, uma verdadeira desdita? Renunciar de vez aos lucros, com que até então se haviam regalado, isso não!!!

Bemditas sombras

Onde estão esses vultos venerandos
Cujos actos e feitos memorandos
De nobreza e valor
Incutiam nos nossos corações
As mais bellas e justas expansões
De heroismo e calor?

* *

Onde a matrona altiva, respeitavel,
Coberta de nobreza e admiravel
De fé e confiança
No doçura, na paz, na santidade
Do lar, onde a sua austeridade
Era calma e bonança?

* *

Onde o respeito, a fé do contractado,
Onde o culto sincero e dedicado
A' lei e ao direito?
Onde a palavra una e respeitada?
Onde a pobreza honesta, acreditada
Cercada de respeito?

* *

Onde a meiga familia brasileira,
Feliz, alegre, boa, hospitaleira,
Honeste e virtuosa,
Transmittindo ás vindouras gerações
Exemplos de nobreza, altas acções,
Amiga e carinhosa?

Longe, bem longe vão!.. Envergonhadas
Quaes sombras passam. E vão horrorisadas
Fugindo ao meio impuro,
Em que para viver, subir, vencer, gosar
A' torpeza adherir e á tudo se curvar
E só o que é seguro;

* *

Em que hoje applaude-se, constricto,
Tudo o que hontem arrancava um grito
De repulsa viril
E aceita-se o facto consumado,
Dando se assim como approvado
Da vespera o acto vil;
Em que a literatura e a livre scena,
Desnuda, lubrica e obscena
Deturpam pobres lares,
E umas modas corruptas, immoraes,
São os immundos e lobregos canaes
Que vão aos lupanares;

* *

Em que o dinheiro impera, corruptor
E a força é o unico impulsor
De todas as acções
Em que o soffrimento é chasqueado
E o crime vencedor sempre endeusado
Em meio ás multidões;

* *

Em que o vicio de hoje é virtude amanhã,
Em que a noção do brio é cousa inutil, vã,
E a verdade é—gosar,
Gosar como servis, gosar lubricamente,
Como naturalmente gosa o inconsciente
Sem corar, sem pensar...

Não vos approximeis—sombras bemditas

Destas plagas—hoje, negras e malditas,
Tostadas pelo erro,
Pela ganancia, doblez e corrupção...
Permaneçei felizes, na pura solidão
Do tranquillo desterro.

*
*

E quando a onda negra e putrida passar
E ao céu da patria amada lucido voltar
O sol da redempção,
Vinde—então—recordar, cheias de santo amor,
As licções de civismo, de honra e de valor
Dos tempos que lá vão.

S Paulo, Novembro de 1910

DINAMERICO A. R. RANGEL.

O clero catholico perante os tribunaes e a imprensa

COMPARAÇÃO ENTRE O CLERO CATHOLICO E AS
OUTRAS CLASSES DA SOCIEDADE SOB O PON-
TO DE VISTA DA PROBIDADE E DA MORA-
LIDADE.

Para apreciar convenientemente a *pro-
bidade* e a *moralidade* relativas de duas ou
mais classes da sociedade, necessário seria,
com todo rigor, basear-se sobre estatísticas,
encarando estas duas grandes qualidades d'u-
ma maneira negativa. A parte positiva de-
verá mencionar para cada classe a meia dos
actos da virtude praticados com mais ou
menos constancia, generosidade e heroismo.
A parte negativa seria a constatação dos
actos contrarios, isto é, dos delictos e dos
crimes mais ou menos numerosos, e pre-
meditados.

Em nosso estudo comparativo sobre as
diversas classes da sociedade, não poderá
entrar em questão a pratica positiva das
virtudes.

De um lado os dados faltam, de outro,
a superioridade dos padres e dos religiosos
sobre qualquer categoria leiga, manifesta-
se de tal modo, que só a ideia de compa-
ral-a sob esta face constituiria uma injuria
ao clero. Não se compara um delgado fio-
zinho d'agua ao oceano.

Tambem os governos que algumas ve-
zes publicam estatísticas para permittir apre-
ciar a moralidade e a probidade relativas
das diversas classes da sociedade, não sug-
gerem uma palavra sequer sobre a pratica
das virtudes.

Contentam-se em fornecer informes so-
bre os crimes e delictos commettidos. E'
pois pela criminalidade relativa das diversas
classes que nós somos obrigados a apreciar
sua probidade e moralidade.

Pois bem, por desventajoso que seja
evidentemente para a classe dos padres e dos
religiosos este modo de investigação, diga-
mol-o, comtudo, e vejamos se ha uma só,
classe da sociedade cuja criminalidade não
exceda *notavelmente* a pretendida criminali-
dade do clero catholico.

Façamos todavia uma observação pre-
liminar. Para se ter ideia da criminalidade
relativa de duas ou mais classes de cida-
dãos, comprehendendo cada uma além de
cem mil homens, não basta produzir e re-
petir incessantemente os nomes de dez ou
mesmo vinte ovelhas sarnentas, que sejam
encontradas numa d'estas classes. Nada pro-
varia este processo infantil: porque este nu-
mero insignificante de ovelhas sarnentas en-
contra-se necessariamente em todas as clas-
ses sociaes. E' uma consequencia inevitavel
da decadencia de nossa pobre nraureza. São
necessarias, pois, estatísticas sufficientemen-
te geraes e imparcialmente organisadas. Ti-
vemos a felicidade de encontrar algumas
desta natureza e vamos tornal-as conhecidas.

CAPITULO I.

CRIMINALIDADE RELATIVA DAS DIVERSAS CLASSES DA SOCIEDADE.

1.^a Estatística official do Governo
francez.

Esta estatística, organizada pelos agen-
tes do governo, foi apresentada ás camaras
legislativas em Fevereiro de 1872. Compre-
hende o conjuncto das condemnações pro-
nunciadas por todos os tribunaes francezes
desde o começo de 1850 até o fim de 1871.

Assignalemos dous traços fundamentaes
d'ella. Nesta estatística a classe do elemento
leigo menos c rregada de condemnações é a
dos notarios; a criminalidade desta classe é
assignalada por uma condemnação por anno
sobre 873 pessoas. A classe do clero, ava-
liada pelo encarregado official em 120.000
padres e religiosos de ambos os sexos, não
forneceu durante o mesmo tempo senão 72
accusações. E' menos de 4 accusações por
anno sobre 120.000 pessoas ou mais exac-
tamente *uma accusação por anno* sobre 35,294
pessoas.

Donde, para a classe dos notarios, uma
condemnação por anno sobre 873 pessoas.
Para a classe do clero, uma accusação por
anno sobre 85.294 pessoas.

1.^a Observação. Pois que o numero
35.296 é pelo menos 40 vezes mais consi-
deravel que 853, segue-se que, de 1850 á
1871, houve em todo o territorio da França
40 vezes mais condemnações de notarios



PIRACIUBA.—O inteligente menino Antonio Augusto da Fonseca, de 6 annos de idade, é assiduo leitor e correspondente da *Ave Maria* desde 3 annos.

que não houve de accusações á classe do clero.

E', forçoso convir, n'um facto já surpreendente. O governo francez, pouco suspeito de parcialidade em favor do clero catholico, foi o proprio a constatar que, sobre todo o territorio da França, comprehendidas as colonias, houve de 1850 a 1871, 40 vezes mais notarios condemnados do que accusados na classe do clero. Não obstante, esta enorme differença de culpabilidade deveria ainda augmentar.

Primeiro, porque o autor da estatistica foi o proprio a declarar que em 120.000 pessoas o corpo ecclesiastico e religioso da França, não deu senão um algarismo grosseiramente approximativo. Em 1879, o governo ordenou um inquerito especial sobre este ponto e impôz a seus agentes fazel-o com a maior exactidão possivel. Eis qual foi o resultado official:

Sobre todo o territorio da França com-

prehendidas as colonias, os agentes do governo constataram a presença de

20.341 religiosos legalmente autorisados.

93.215 religiosas legalmente autorisadas.

7.444 religiosos não legalmente autorisados

14.003 religiosas não legalmente autorisadas

Ou sejam 135.003 religiosos de ambos os sexos.

Se a este numero accrescentar se os 40.000 seminaristas e padres seculares, que todos evidentemente acham-se comprehendidos na classe dita do clero, em lugar do algarismo de 120 000 pessoas, que dá a estatistica, é, na realidade de 175.000 pessoas o algarismo do corpo ecclesiastico da França.

Ora, 72 accusações em 21 annos sobre 175.000 pessoas não chegam a dar *uma accusação p r anno* sobre 51.000 pessoas, e como 51.000 é pelo menos 58 vezes superior a 873, ha, pois, nos termos da estatistica, 58 vezes mais condemnações na classe dos notarios do que accusações no clero.

Por conseguinte, suppondo mesmo que todas as accusações regeitadas contra o clero tenham sido seguidas de condemnação, o que está longe de ser verdadeiro, ainda forçoso é concluir que a culpabilidade da classe dos notarios é pelo menos 58 vezes superior á do clero.



CAPITAL.—Agradeço ao Coração de Maria varias graças que do bondoso Coração de Maria tenho recebido — E. C. R.

—Hordorica B. Abreu immensamente agradecida ao Coração de Maria por dois favores que acaba de alcançar, pede seja publicado e envia essa esportula para velas que devem arder no seu altar.

JUNDIAHY.—Penhoradissima por uma graça especial que acabo de receber do I. Coração de Maria, desejo que seja publicado na *Ave Maria* para gloria de nossa boa Mãe do Céu.—Anna Soares de Castro

FIGUEIRA (Est. do Esp Santo)—Remetto a V. R essa quantia e peço rezeis uma missa por intenção de d. Anna Manequel, em accção de graças por varios favores recebidos. Peço tambem publiqueis na conceituada revista *Ave Maria* que esta mesma senhora e d. Philomena são gratas ao virginal Coração por outros muitos favores obtidos.—José Guadanhin.

SÃO LOURENÇO DE MANHAGUASSU (Minas) Fico agradecida ao virginal Coração de Maria por um favor especial que me acaba de conceder e que, se-

gundo promessa, peço publiqueis na conceituada revista *Ave Maria* — Philomena Angelica de Andrade.
PORTO ALEGRE. Ao I Coração de Maria agradeço, o ter me attendido na supplica que lhe dirigi, permitindo que não deixasse fallecer sem os soccorros da religião, uma minha parente. Conforme prometti, venho publicar esta grande graça. Uma Filha de Maria.

QUIXADA (Ceará). — Remetto a V Rvma essa esmola que manda a exma d. Joanna Francisca em virtude de uma promessa que fez ao Coração de Maria de quem recebeu uma graça. — Josepha V. Calvanti.

SABARÁ (Minas) — Remetto vos 5\$ conforme promessa e em acção de graças por varios favores recebidos do Coração de Maria, a quem peço continue sempre protegendo-me. — Uma devota.

STA. GERTRUDES. — Peço vos, sr. Director, rezeis uma missa no altar do Coração de Maria em suffragio da alma de Albertina Sach, para o que vos remetto a esportula conveniente. — Felicio Monzoni.

STO. ANTONIO DA CACHOEIRA. — Mais uma vez venho prostrar-me aos pés do Coração de Maria e agradecer-lhe a importantissima graça de ter devolvido a saúde a minha filha, já em perigo de morte. Publique, sr Redactor, essa grande bondade que usou commigo o Coração de Maria. — Uma assignante.

ITU — Muito agradeço ao Coração de Maria a graça do restabelecimento de meu esposo. Remetto esta esportula para ser rezada uma missa em seu Santuario. M. G.

ARARAQUARA. — Etelvina Corrêa da Silva viu de um momento para outro seu pae gravemente enfermo; recorreu ao Purissimo Coração de Maria e e não foram desattendidas suas supplicas. Conforme prometteu, envia esta esportula. Do Corresp.

VILLA NOVA DE LIMA — Adolpho Magalhães envia 5\$ em agradecimento de uma graça recebida do I Coração de Maria.

ARARAQUARA. — Remetto-lhe 5\$ para V Rvma celebrar uma missa ao Coração de Maria que uma assignante prometteu dar para cumprir a promessa que tinha feito ao Coração de Maria de quem recebeu uma graça importante. — Da Correspondente.

E. SANTO DO RIO DO PEIXE. — Estando meu filho soffrendo um grande tumor, e não havendo remedio que o curasse, recorri ao bondoso Coração de Maria, e tendo sido attendido, envio 2\$ para ser collocado no cofre da mesma santa, e 1\$ para duas velas, para serem colhidas uma no altar de São José, e outra no de Nossa Senhora. — J. G. D.

— Envio 4\$ para ser rezada uma missa e 2 velas para ser accesas no altar de S. José por um voto feito. Por sua esposa d. Maria Silveira de Jesus, que foi promptamente curada. — A. G. D.

JUIZ DE FÓRA. — A exma. sra d. Cacilda Correa e Castro profundamente agradecida ao Immaculado Coração de Maria pela conversão de seu pae, publica esta misericordia na conceituada revista *Ave Maria*.

Disparos anticlericaes


O nosso adversario diz S. Pedro, alludindo ao demonio, bramando como leão, anda em derredor buscando a quem possa devorar. Rodeia-nos e não para e nem cessa de nos perseguir. Já triumphou com a liberdade de prégar as heresias e o franco e deleterio atheismo em toda parte da terra. Já triumphou, em nome da liberdade de consciencia a que chama de sacrarario invulneravel; em nome da liberdade de pensamento, a que chama facho de luz; em nome da liberdade da imprensa e da exteção do pensamento a que chama apostolado das novas ideias; em nome da liberdade de associação que é a condensação das forças sectarias, orientando-as como bussola indeclinavel para a anarchia religiosa e para o aniquilamento da moralidade social.

Em nome dessas liberdades já estabeuidas, a propria religião por seus representantes, vê-se obrigada a reclamar o direito á vida, vendo-se perante as sociedades modernas em condição igual á liberdade do vicio ao qual mais que á virtude aproveita o novo estado das coisas. A Igreja ha de pedir para seus filhos a liberdade de pensar o que a fé lhes ensina, a liberdade de consciencia para professar a religião catholica e seguir sua moral, a liberdade da imprensa para defender seus direitos e innocentar a vida de seus ministros, a liberdade de associação para mais facilitar a santificação de suas Congregações, e o exercicio mais fervoroso e exacto da religião nas suas Irmandades e Confrarias.

Mas essa liberdade que de direito lhe compete e com exclusão das outras congeneres quando lhe fôrem contrarias, são-lhe restringidas e até denegadas pelas seitas tenebrosas que desmontaram a Igreja de seu throno social para nelle encumear a Revolução triumphante, o Terror mortifero e anarchico, e o Liberalismo hipocrita, conspirador e traidor, descendente dos Pharisaeus sectarios e dos Judas desleaes que por um vil interesse, por uma satisfacção de suas concupisceucias entregam aos inimigos a mesma Igreja que como catholicos chamam de Mãe, mas como anticlericaes odeiam sua autoridade, incorrendo, portanto na censura de Christo que os chama de gentios e publicanos ou monstros do peccado.

Nessa triste campanha de odienta perseguição disfarçada em pequenas, mas irri-

Aviso. — Nesta Administração vendem-se os clichés já usados na Revista, ao preço do 25 réis o centimetro quadrado; comprando mais dum cliché, as despesas de correio são por conta do comprador.

 Rogamos encarecidamente aos assignantes desta capital que se sirvam de avisar nos, quanto antes a mudança de seus domicilios.

tantes, injustas e clamorosas excepções ao direito commum achava-se empenhado e compromettido o ultimo presidente que já teve de resignar seus poderes nas mãos do marechal Fonseca. O sr Nilo, soldado valente na politica miuda de Campos, como o fôra nas intrigas, sem fim, que de ha muitos annos, está baralhando a politica do estado do Rio, queria continuar, á frente da republica, as proprias exhibições de homem genial, ousado e experto: achou-se compromettido com muitos estados do Brazil que melindrou com seu desdem e magoou com desatensões de sua presumpção altaneira: provocou o clamor de muitos infelizes opprimidos com a maça da politica local: chamou á lucta as consciencias religiosas e poucos houve no Brazil ou talvez ninguem que pudesse concordar com a belleza de suas fitas ou films exhibitorios da propria grandeza.

O seu ultimo acto tirou-lhe, porém, todas as sympathias. A uns religiosos, victimas da furiosa exaltação anticlerical das seitas maçonicas portuguezas, negou-lhes a hospedagem gratuita e nada incommoda em nosso grande Brazil. Milhões de peitos com os braços extendidos, estavam a receber os ministros de Jesus nesta terra abençoada dos Nobregas, dos Anchieta e dos José Bonifacio. O sr. Nilo num gesto desdenhoso e torcendo truanescamente o *rixtus*, nega e ratifica o seu acto de tyrannia e repete que sua resolução de espantosa parcialidade não tem revocação.

Pois sim: aqui nosso Brazil já não é terra de almas mortas: isso seria lá nos primeiros annos e na infancia da republica. O telegrapho, noticiando a horrenda negativa do presidente, revoltou as consciencias e suscitou uma reacção geral, briosa e valentissima de protestos. A Camara federal que teve a felicidade de não ser profanada com a presença do fetiche Clemenceau, apoiou a moção do deputado Moacyr contra a prohibição do desembarque. Todo o episcopado brasileiro, os cabidos e grande numero de parochos levantaram seu protesto. As Irmandades religiosas e todas as associações catholicas sentiram-se feridas com o nuto maçónico do presidente, e se declararam solidarias com as ordens religiosas. As folhas catholicas e o pequeno elemento sensato que em tiras muito esparsas se encontra na imprensa neutra, ergueram seus protestos, orientando a opinião publica e desviando-a do grande precipício de reconhecer a bondade dos actos consummados e de abençoar o triumpho do mais forte.

Mas o sr. Nilo, crêndo-se segurado nas columnas da loja e na influencia politica dos reles sectarios que o acclamavam, punha tudo no chinelo e parecia estar surdo ás vozes autorisadas do emmo. cardeal, do arcebispo de S. Paulo e de todo o episcopado como ás observações e protestos das prestantissimas corporações que reclamavam com a imponencia da razão, com a força do direito a anhelada protecção aos humildes perseguidos. O sr. Nilo apparecia nas alturas da celebridade, como o cometa Halley proximo a desapparecer, rasgando o immenso azul, com a cauda gazosa, de presagios temerosos e de sinistras recordações.

Mas enfim sumiu-se o sr. Nilo com sua cauda e com as fitas de sua celebridade. O Supremo Tribunal tendo-lhe impetrado previamente *habeas corpus* o dignissimo deputado federal, conego Valois de Castro, autorisou o desembarque dos frades expulsos de Portugal, sendo embora presidente o sr. Peçanha, ministro da justiça o sr. Bandeira, chefe de policia o sr. Leoni, e senador e mestre maçónico o sr. Lauro Sodré, descendo logo depois á sua escura posição na politica de Campos o que pouco antes lançava os fogos ethereos da suprema autoridade sobre as ordens religiosas e aavez dellas sobre o clero secular e sobre todos os leigos catholicos que firmes na sua fé, não contemporizam com a revolução do laicalismo triumphante.

LUIZ DA FRANÇA BORBA

RETIRO DO CLERO

Quando o Brasil se achava na expectativa de uma questão religiosa iniciada e provocada pelo sr. Nilo Peçanha, por excitações de occultos poderes estrangeiros, o clero das dioceses de São Paulo se recolhia ao silencio do retiro aos exercícos espirituales em que se afinam as almas para o combate, se apuram as consciencias para lançar se sem temor as luctas da Igreja e o espirito se reconforta e o coração se anima para os sacrificios da vida sacerdotal.

Dez rvmos. Padres da Archidiocese de S. Paulo, cinco de Campinas, quatorze de Botucatú, seis de Ribeirão Preto, nove de S. Carlos e sete de Tanbaté, sob a presidencia dos exmos. e rvmos. srs. Arcebispo-bispo de S. Carlos, bispos de Campinas e de Ribeirão Preto, achavam se reunidos neste Santuario do Coração de Maria e se-

guindo as prescripcões do glorioso fundador dos exercicios, entregavam-se á meditação das verdades eternas e dos proprios deveres de christãos e de sacerdotes, sendo afervorados pelas practicas do rvm. P. Locker, filho de Sto. Ignacio.

No ultimo, dia 14, fez-se por cada um dos sacerdotes, em mãos do excmo. sr. arcebispo diocesano a profissão de fé, e o excmo. sr. d. Alberto Gonçalves, zelosissimo bispo de Ribeirão Preto, dirigiu aos rvmos sacerdotes vibrante allocução sobre a perseverança nos bons propositos do retiro

Nomes dos Rvmos. Padres.

Mons. Conegos: Antonio Pereira Reimão, Pro Vigario Geral, e Francisco de Campos Barreto.

Conegos: Dr. João Evangelista Pereira Barros, Eugenio Dias Leite, Felisberto Marcondes Pedrosa, dr. José Hygino de Campos, Manoel Meirelles Freire, Carlos Cerqueira, Flaminio Alvares Machado de Vasconcellos, dr. José Antonio de Almeida e Silva, Francisco de Oliveira Lima, Victorio Maria Peyla.

Padres: Tancredo Blotta, Marcello Franco, Lucio Xavier de Castro, Joaquim Antonio de Castro, Arthur do Amaral Camargo, Benigno de Castro Peres, Guilherme Witte, Carlos Pereira Bicudo, dr. Antonio Augusto, Elisario Paulino Bueno, Hercules Pieroni, Domingos Magaldi, Antonio Chirinea, José Nicastri, Antonio Pires Guerreiro, João B. Oger, Manoel do Nascimento Oliveira, Dionisio Perini, Euclides Gomes Carneiro, José Thomaz Ancassuerd, João Rulli, João Macario Monteiro, Benedicto Telles de S. Anna, Guilherme Arnold, Francisco Valente, Antonio Cesarino, Marianno Portella, Antonio Purita, Vicente Ruffo, Caetano Cernichiaro, Affonso Aloya, Domingos Pardi, Frediano Dini, Antonio Firmino, José Pardini, Francisco Reale, Nicolau Scurachio, Antonio de Oliveira Castro e Agosrinho Felizzola.

Notas e noticias

—A Archiconfraria do Coração de Maria, desta capital, unindo se ás alegrias dos rvmos. Padres que zelam com tanto carinho e dedicação pelo culto do Santuario e pela santificação dos innumerados fieis que o concorrem, celebrou com uma missa e comunhão geral, no dia 11, a festa onomastica do rvm. P. Martinho Alsina, Superior Geral da Congregação dos Filhos do Cora-

ção de Maria, e que se acha entre nós de visita ás comunidades do Brasil, por elle tão carinhosamente preferido, devendo seguir depois para as republicas da Argentina, Uruguay, Chile e Perú.

Quando o Summo Pontifice eleito **Canalejas** vou á categoria de dignidade **ingrato.** episcopal o Prefeito Apostolico

de Marrocos, todas as nações que tem interesse no imperio mogrebitico, procuraram que um religioso de seu paiz fosse nomeado bispo do novo vicariato. Prometiam honrar o eleito com todos os prestigios de sua posição e edificar uma cathedral sumptuosa.

Mas o Papa, fiel a Hespanha, que desde seculos sustenta as missões catholicas entre os marroquinos, escolheu a 14 de abril de 1908, o que já era Prefeito Apostolico, rvm. P. Francisco Maria Cervera, religioso franciscano, para bispo titular de Fessea e Vigario Apostolico de Marrocos.

O governo *liberal* de Hespanha nada prometteu, nada agradeceu e não tratou melhor que antes o mais prestigioso representante da civilisação no extremo noroeste do continente africano. O governo hespanhol fornece á primeira dignidade ecclesiastica de Marrocos a fabulosa verba de duas e meia pesetas diarias, (1\$500). Ha pouco o exmo. sr. Cervera tinha de fazer uma viagem pelo mar, embarcando em Tanger, e supplicou ao commandante de uma canhoneira hespanhola que o admitisse como passageiro. O commandante hesitou e telegraphou ao governo de Canalejas, consultando sobre a difficil questão. O Canalezas, muito iutrigado, por não parecer clerical aos olhos da canalhada esquerdista que o sustenta, não apoiou o pedido, mas tampouco teve a franqueza de responder com a negativa.

Ficaria tudo por isso mesmo. Sabendo da canalhada canalejista, muito do sabor de nossos liberaes d'aqui, o commandante de um cruzador francez que tambem tinha de sair das aguas de Tanger, convidou o Prelado hespanhol em nome da *Republica franceza* com a passagem gratuita de seu navio. Aceitou o rvm. P. Cervera e foi recebido e tratado no cruzador francez com todas as honras de sua dignidade. Reflectam aqui sobre a estúpida mesquinheza de um liberal de ensaio e a franca e generosa acolhida de um anticlerical consummado a um *frade estrangeiro*.

Nossos defunctos.—Em Sta. Rita dos Coqueiros falleceu o sr. João Antonio de Oliveira.—Em Piracicaba, d. Francisca Carolina Pinto de Mattos

OBRA CLERICAL

Meu pae e minha mãe me desampararam; mas o Senhor me tomou sob sua protecção. (Ps- CXXVI, 10)

Commentando com um Coronel uma ordem de Canalejas, que muito deu que falar, referiu-me aquelle o seguinte caso, em apoio de algumas considerações.

I

«Estava um dia visitando um hospital em companhia do Capellão delle encarregado, e—admirado—observava a belleza, limpeza, ordem e aceio do mesmo, quando succedeu passar por deante de nós uma larga dupla fila de asylados, apparecendo aqui e alli, como violetas no prado, essas heroicas Irmãs de caridade, verdadeiras violetas que exhalam o suave perfume das mais christãs virtudes.

Tal foi o respeito que me infundiram, que instinctivamente tirei o *sombrero* (chapéu de campones) deante dessas heroínas que compartilham seus albergues com as creanças, com os enfermos, com os anciãos:

A' proporção que iam passando esses filhos predilectos de tão carinhosas mães, fixaram em nós seus olhitos vivazes, ensinando-nos ao mesmo tempo sua carita jovial e alegre, viva expressão de regosijo e gratidão, patrimonio das almas puras e innocentes.

Facilmente, entre tantas carinhas, cahiu minha vista n'uma que me era conhecida; duvidei á principio e quando passou junto a mim, mirou me e sorriu-se; conhecia-me; de facto, mas, donde? Reflecti um pouco e promptamente lembrei-me. Teria o menino 7 á 8 annos. Não era bonito, porém tão gracioso e lesto como uma arda.

* * *

Conhecia-o por tel-o visto varias vezes no café que costumava frequentar que elle visitava todos os dias repetidas vezes com sua caixa de engraxate. Mais de uma vez utilizei-me dos seus serviços.

Admirou-me vel-o alli, e perguntei ao meu bom companheiro como e quando tinha entrado, pois a verdade era que fazia pelo menos dous mezes que eu não o via com a sua caixa e desejava saber por que razão havia abandonado tão *lucrativo* officio.

«Ah! Sim! respondeu-me elle, este foi trazido pelas Irmãs Maria Luiza e Concei-

ção; segundo disseram-me, quando apresentaram-m'o, parece que pedindo-lhes uma esmola, declarara não haver comido, ha dous dias; estava muito andrajoso e a palidez de seu rosto parecia ser uma verdadeira prova do que dizia. Perguntou lhe a irmã Maria Luiza se tinha pae ou mãe, e elle, depois de banhar-se em lagrimas, que quaes preciosas perolas rolavam nas suas faces respondeu: dizem que minha mãe não me viu e que meu pae, quando eu era ainda muito pequenino, foi morto á navalhada. Não soube declarar quantos annos tinha, depois do que perguntou a solícita Irmã: e com quem vives? Ao que respondeu:

—Uns velhos recolheram-me e com elles vivi até poucos dias; era um casal sem filhos, que vivia em continua luta, e quem pagava os furores de um e outro, era eu. De manhã, mandavam-me com uma caixa, com graxa e escovas, limpar botas; e se á noute não levava tanto dinheiro quanto elles queriam, davam-me uma grande sova e privavam-me de um magro caldo que com um pouco de pão duro davam-me para comer.

Um dia, não tendo conseguido limpar um só par de sapatos, e por conseguinte não podendo levar nem um centimo, tive muito medo e não me atrevi a voltar á casa. Decidi passar a noute debaixo de uma ponte e para alli fui, emvez de ir para aquella maldita casa, onde tanta miseria havia; puz-me a dormir com a caixa por tra esseiro e qual não foi minha surpresa no dia seguinte quando notei que tinham'ma roubo? Somente sei que depois de muito chorar decidi antes morrer de fome que ir ver meus paes adoptivos, pois tinha a certeza de que as bofetadas promptas estavam me esperando. E dizendo isto, um vivo carmim tingiu suas faces, ao mesmo tempo que com o braço quasi de todo desnudo pelos rasgões da camisa, enchugava as lagrimas, que dos seus olhos, baixos pelo respeito, temor e vergonha, brotavam.

As Irmãs se enterneceram; não sei o que disseram, mas o caso é que sahiram sós e voltaram com o menino que, como as Irmãs, estava muito contente e assim foi...

Hoje é segunda feira? Pois sexta feira completam-se oito semanas.»

Até aqui o zeloso sacerdote.

Eu tambem me enterneci, e em vista dos resultados satisfactorios que delle se esperavam, á vista da sua precocidade, sua

(Continua)

Com permissão da Autoridade ecclesiastica.

Typ. do Immac. Coração de Maria.